



SMK

Knowledge Exchange Sessions

KRIS HAMMOND

CHIEF SCIENTIST
FOR NARRATIVE SCIENCE

**SMART
HUMAN**

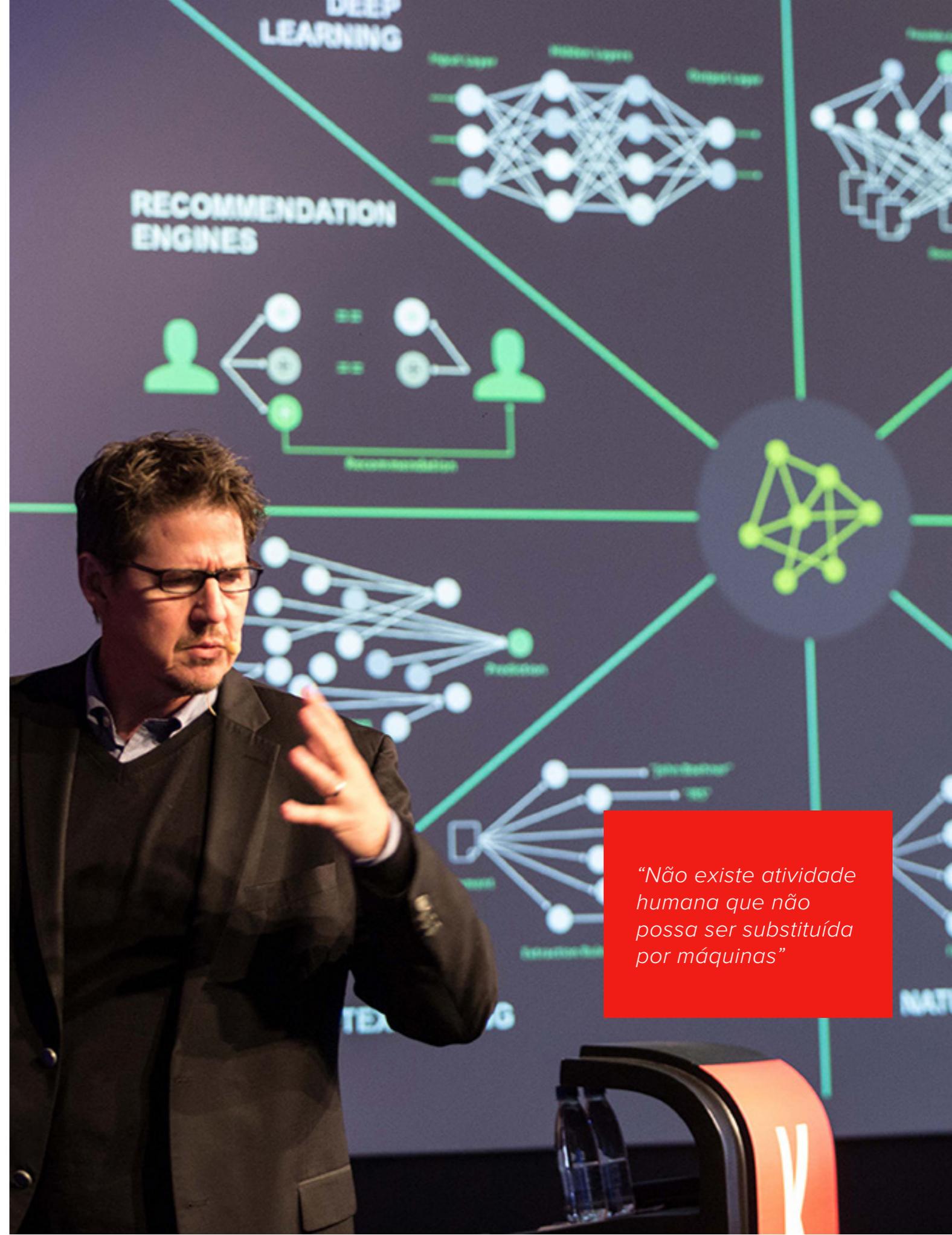
QUEM SOU EU, QUEM É O ROBÔ?

A INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL PODE EVOLUIR A PONTO DE EXECUTAR TODAS AS FUNÇÕES HUMANAS. MAS AO MESMO TEMPO EM QUE DELEGAMOS RESPONSABILIDADES AOS SISTEMAS, PRECISAMOS DEFINIR A REAL FUNÇÃO DO SER HUMANO

Por GoAd Media

O desenvolvimento da raça humana ocorreu em meio à necessidade de adaptação às mudanças radicais em seu ambiente, muitas delas promovidas por novas tecnologias. Cada qual a seu tempo, fogo, roda, prensa, motor a vapor, automóveis e tantas outras novidades ajudaram o homem a dar os passos seguintes de sua evolução. Essa espécie está próxima de uma das mudanças mais revolucionárias de sua breve história.

Muitas das funções que sempre executou, ainda não sabe claramente quais, serão repassadas aos robôs. “Não existe atividade humana que não possa ser substituída por máquinas”, sentencia Kris Hammond, chief scientist da Narrative Science. Convidado do **KES (Knowledge Exchange Sessions)**, ele apresentou o tema “Smart human”, ou seja, a visão de que a inteligência artificial tornará os seres humanos mais inteligentes e de que as máquinas se aproximarão do raciocínio humano. O evento ocorreu na terça-feira, 14 de junho, na Casa Itaim, em São Paulo.



“Não existe atividade humana que não possa ser substituída por máquinas”



“As dúvidas sobre o futuro da relação homem-máquina permanecem e deverão pautar debates por muitos anos ainda...”

Tecnologias e ferramentas de crescimento exponencial que hoje estão sendo discutidas pelo mercado não apenas farão parte desse futuro, mas já são perceptíveis no presente, inclusive no mercado de comunicação, impactando a forma como vivemos, consumimos, pensamos e trabalhamos. Cinco questões discutidas durante o *Exchange Session*, que reuniu cerca de 170 profissionais convidados, ajudaram a dar o tom do evento: inteligência artificial, realidade virtual e aumentada, dados biométricos, ética e privacidade; e ultraconectados. As dúvidas sobre o futuro da relação homem-máquina permanecem e deverão pautar debates por muitos anos ainda, já que a ideia de máquinas inteligentes ainda traz sentimentos como medo e insegurança. Mas o KES proporcionou reflexões que pavimentam essa estrada para o conhecimento.

INTELIGENTES COMO NÓS

Professor de ciências da computação e jornalismo na *Northwestern University*, Hammond é especialista em inteligência artificial e em seus impactos na vida das pessoas e nas corporações, além de conteúdo gerado por máquinas e sistemas de informações dirigidas pelo contexto. Participou de um comitê de desarmamento da Organização das Nações Unidas (ONU). “Nossa missão é construir um futuro com devices que serão inteligentes, criativos e éticos como nós somos”, afirma. Com a explosão da quantidade de dados disponíveis, analisa Hammond, foi possível desenvolver tecnologias para coletá-los, entendê-los e proporcionar sistemas para tomar decisões razoáveis de forma mais rápida. “A ironia é que temos mais dados do que nossa capacidade humana pode compreender. Se olhamos uma tabela de Excel, com milhões de dados, é impossível entender. A inteligência artificial é a solução para isso”, aponta, citando exemplos como o *Deep Learning*, ramo do conhecimento em que algoritmos tratam dados de forma mais complexa, através de múltiplos *layers*, o que aproxima sistemas do raciocínio humano.





HUMANO MAIS HUMANO

Se os sistemas vão evoluir ao ponto de tomar decisões importantes como humanos, qual será o papel da raça humana no futuro? Não se pode discutir a inteligência artificial sem considerar esse tipo de implicação. Hammond raciocina que, se as máquinas forem mais inteligentes, nós também nos tornaremos. “Criar máquinas que são mais humanas nos dá a oportunidade de agir menos como máquinas. Se olhar para como as pessoas usam computadores hoje em dia, é algo baseado nos termos das máquinas. Devemos migrar para um mundo onde nos tornaremos mais humanos ao interagir com sistemas”, avalia. Hammond não acredita no cenário catastrófico já inúmeras vezes retratado em filmes de ficção científica, em que as máquinas se tornam tão inteligentes que passam a controlar os humanos. “Todos concordam que temos que ser vigilantes em relação a isso. Hoje, não existe uma superinteligência que chegue a nos preocupar. Mas, se olharmos o futuro, acho que todos pensam em como realmente colocar controles nos sistemas, para que eles façam tudo o que realmente devem fazer”, avalia.

O QUE A INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL JÁ PODE FAZER

Em um mundo com inteligência artificial e sistemas de reconhecimento de voz, precisamos aprender a utilizar os dados.

Há três maneiras fundamentais para as máquinas lidarem com eles:
ACESSO, PREVISÃO E ACONSELHAMENTO.

1 - Acesso

As máquinas têm os dados e conseguem interpretar o momento para nós. “Por meio do analytics podemos dar ordem à confusão dos dados. A máquina vai correlacionar e integrar pontos através de equações para nos ajudar a tomar uma decisão”, afirmou Hammond. O grande desafio para a inteligência artificial é o entendimento sobre contextos peculiares de cada cultura e idioma. Ele demonstrou frases em inglês com as expressões “love” e “iPhone”, por exemplo. “Ao contrário do que parece, muitas delas estavam expressando ódio pelo produto”, disse.

2 - Previsão

Utilizar os dados para construir cenários e prever o que irá acontecer. A ferramenta da *predictive analytics* utiliza dados de qualidade para dar boas previsões, e uma aplicação prática disso são as recomendações em sites como Netflix e Amazon. “Eles encontram similaridades entre pessoas e coisas para recomendar outras coisas”, explica Hammond.

3 - Aconselhamento

As máquinas podem chegar ao ponto de dar conselhos às pessoas sobre o que vai acontecer e sugerir maneiras de responder, levando as pessoas a agirem. “Nós nunca quisemos os dados. Precisamos dos insights que vão nos propiciar tomar ações. Nós é que vamos criar o mundo e dizer o que máquinas vão fazer ou não. A primeira coisa que temos que ter em mente é seguir os dados, porque sistemas inteligentes só podem ler porque tem acesso a dados. A segunda coisa é identificar a tarefa que as máquinas têm que fazer. Já que estamos criando um mundo em que as máquinas poderão fazer tudo o que humanos fazem, precisamos entender como elas falam conosco e como elas devem tomar decisões sobre o que fazer. É assim que vamos construir o futuro”, finaliza Hammond.



Ética e Privacidade
K
E
O

Os Ultraconectados
K
E
O

EXCHANGE
SESSION



LET'S
THINK
TOGETHER



INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL

Leticia Pozza – Cappra Data Science

“Discutimos as formas de lidar com os dados dentro das empresas e como transformar essa informação em inteligência artificial e ações. Mas devemos questionar os momentos em que a IA possa ainda não ser tão efetiva como queremos e nos tornar vulneráveis a robôs que nem sempre tomarão as melhores decisões”.

REALIDADE VIRTUAL

Rafael Coimbra – repórter da GloboNews e coordenador do LabMidia.com

“Com a realidade virtual, aumentada ou mista, deixamos de ser criadores de histórias para sermos construtores de mundos onde as pessoas irão contar suas próprias histórias, em uma arena virtual. Não sabemos ainda se as máquinas terão a capacidade de reproduzir essas emoções ou mesmo de senti-las”.





BIOMETRICS

Thiago Ribeiro – Griaule Big Data Biometrics

“As diferentes modalidades de biometria foram o tema de nossas discussões, mas com foco na forma com que essa grande massa de dados coletada por governos e instituições vai ser usada. De que forma esses dados biométricos podem gerar valor para empresas e pessoas”.

A close-up portrait of a young woman with long, dark, wavy hair, looking slightly to the right. She is wearing a dark jacket and a light-colored scarf. The background is a blurred green outdoor setting.

ÉTICA E PRIVACIDADE

Beatriz Kira – InternetLab

“A ética na coleta dos dados é ponto fundamental da discussão sobre inteligência artificial. Todos compartilham informações no ambiente online, mas que responsabilidades têm as empresas quando cometem erros no uso desses dados? Também devemos imaginar se os robôs terão compaixão e outros sentimentos complexos para, de fato, substituírem os humanos em tudo”.

OS ULTRACONECTADOS

Ricardo Longo – Onoffre Consulting

Ricardo Longo – Onoffre Consulting

“Vivemos em uma era de ultraconexão em que precisamos estar mais informados e sermos mais competitivos para realizar mais coisas. Mas de que forma isso afeta nossa essência como seres humanos? A nossa sociedade precisa aprender a dar respostas a essa questão”.



E AGORA?

Apesar de separadas fisicamente, as discussões do *Exchange Session* tiveram alguns pontos em comum entre si e com o pensamento de Kris Hammond. Três pontos foram especialmente relevantes nas discussões e pontuam o legado dessa nova edição do KES para o pensamento sobre inteligência artificial.

O primeiro é que, inevitavelmente, viveremos ao lado de máquinas que assumirão funções humanas e que serão parceiras ou mesmo substitutas. Temos que aprender a lidar com essa ideia e a nos comunicar com as máquinas.

O segundo ponto tem a ver com os negócios, uma vez que os dados já se tornaram fundamentais para a tomada de decisões mais inteligentes e rápidas. “Agora, temos que dar um salto e sofisticar esses dados, porque isoladamente eles não significam nada”, avalia Rafael Coimbra, da Globonews.

E, terceiro, nenhuma discussão tecnológica é suficiente sem o componente filosófico. Afinal, se os robôs vieram para ficar e eles podem fazer tudo o que o ser humano faz, quais funções realmente vamos querer transferir para eles?

A curva de crescimento das máquinas tem sido muito rápida e precisamos decidir o que iremos delegar. “No fundo, há uma discussão maior sobre qual é a real função que o ser humano terá nessa era tecnológica”, pontua Coimbra.

INSPIRED BY:

Accenture **Interactive**
Part of Accenture Digital



Knowledge Exchange Sessions

WWW.KES.DO

[INSTAGRAM](#)

[TWITTER](#)

[FACEBOOK](#)

[G+](#)

[LINKEDIN](#)